



MEMÓRIAS RELIGIOSAS ATINENTES AO “MONGE JOÃO MARIA” NO DISTRITO DE LAGEADO, RIO NEGRO, PARANÁ (1960-1990)

Célia Maguirovski¹
Simone Aparecida Dupla²

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo debruça-se sobre as memórias religiosas relativas a passagem do Monge João Maria pelo Distrito de Lageado, área rural do município de Rio Negro, no Estado do Paraná. O monge foi uma figura mística que teria percorrido os sertões do Brasil no final do século XIX e início do XX e trata-se de uma personagem que foi e ainda é muito discutido por vários historiadores que se ocuparam da história da região e dos acontecimentos relacionados aos conflitos da Guerra do Contestado, como Ermelino de Leão (1929), Élio Serpa (1999), Nilson Thomé (1992; 1997), entre outros.

A devoção a esse monge faz parte da religiosidade popular e, mesmo não sendo considerado santo pela Igreja Católica, ele é venerado nos lugares por onde passou, inclusive na região do Distrito de Lageado, onde cruzes, capelinhas, quadros com sua foto, rosários, entre outros, atestam a materialidade da devoção ao “santo” (entende-se santo não oficial, ou seja, não reconhecido pela Igreja Católica, mas considerado santo pelo povo).

Observando-se essa materialidade, este artigo pretende analisar as memórias religiosas atinentes a essa devoção, por meio dos depoimentos dos devotos desta comunidade. Na transcrição das entrevistas mantivemos a linguagem original dos depoentes, tomamos como recorte temporal os anos de 1960 a 1990, período que corresponde à juventude dos entrevistados, cuja faixa etária atual fica entre 48 e 74 anos.

Acreditamos que ao pesquisar as memórias acerca da religiosidade e devoção em torno do Monge João Maria é possível trazer para a história pessoas comuns, dando voz assim, a grupos antes ignorados pela historiografia tradicional: o povo humilde, que, no final do século XIX, possuía poucos recursos e contava, quase sempre, apenas com sua força e sua fé.

O trabalho com a história oral nos permite trazer outros sujeitos históricos, antes silenciados pelas grandes narrativas, pois, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p.4).

O presente estudo torna-se relevante para a história cultural, na medida em que oportuniza espaço para indivíduos comuns da sociedade, permitindo conhecer sua religiosidade, suas memórias e crenças, trazendo um novo

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em História pela UEPG. E-mail: celiamag@outlook.com

2 Mestre em História, Cultura e Narrativas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Maringá.

olhar sobre a história local.

Vale ressaltar que abordar a religiosidade acerca do Monge João Maria não tem o propósito de enaltecer-lo, mas sim, de dar espaço ao povo, as memórias populares, as suas representações sobre esse personagem, uma vez que a representação, segundo Roger Chartier (1988), é um conceito utilizado pelos homens para compreender o funcionamento de uma sociedade, ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Em suma, compreender a identidade dos povos através de suas relações entre representação e identidade, neste caso, presentes nas manifestações religiosas em torno do Monge, uma figura emblemática, que faz parte da formação histórica e cultural da comunidade do Distrito de Lageado e ainda nos dias atuais é rememorado por moradores desta localidade.

O MONGE JOÃO MARIA NO DISTRITO DE LAGEADO.

Ao caminhar pelo Distrito de Lageado, região que fica no interior do município de Rio Negro, no estado do Paraná, nota-se a presença de cruzes que compõem a paisagem da localidade. A cruz que chama mais atenção é a que fica localizada na região central do Distrito de Lageado, na Rua Luiz Neppel (figura 01), pois fica à beira do asfalto e, portanto, bem visível a todos que por ali passam. Em torno dela encontram-se objetos de devoção, como flores, velas, fotos e a imagem do “santo”.



Figura 01

Cruz do Monge João Maria - Rua Luiz Neppel, Lageado dos Vieiras, Rio Negro, Paraná. Fonte: Acervo pessoal. Rodrigo do Rosário - 15/07/2015

Outra cruz referente ao Monge João Maria, fica na localidade do Lençol, que pertence ao Distrito de Lageado (figura 02), porém esta não é tão visível, pois fica em meio a mata, no terreno pertencente ao Sr.º Sebastião Darci Valério. A localidade do Lençol fica a caminho da cidade de Rio Negro, sede do município a qual pertence o referido Distrito.

Na crença popular, como relatado pelos devotos, as cruzes eram erguidas no trajeto percorrido pelo monge, mais precisamente, onde este parava para descansar ou realizar suas rezas, profecias ou curas. Geralmente ficava próximo a algum olho d’água e perto de uma árvore. Na localidade de Lageado dos Vieiras fica o Rio Lageado, que faz divisa com o município de Piên e, seguindo-se pela estrada após o rio, encontram-se mais cruzes, porém, o presente trabalho se restringe somente ao Distrito de Lageado e as localidades que a ele pertencem.



Figura 02
Cruz do Monge João Maria na localidade do Lençol, Rio Negro, Paraná. **Fonte:** Acervo pessoal. Rodrigo do Rosário - 15/07/2015

O aparecimento do monge e sua história confundem-se com os conflitos da Guerra do Contestado, que ocorreu durante a Primeira República, nos estados do Paraná e Santa Catarina devido a disputas territoriais, (THOMÉ, 1992). A região de Rio Negro está inserida no contexto dessas disputas de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, o que justificaria sua passagem pelo Distrito.

Elio Serpa (1999) aborda a participação dos profetas como o Monge João Maria, personagens

que marcaram profundamente a cultura religiosa do povo sertanejo em diversos momentos, apontando que, “no final do século XIX e início do XX, apareceram pela região sul do Paraná e norte de Santa Catarina, muitos homens que se diziam profetas e detentores de poderes sobrenaturais, marcando profundamente a cultura religiosa do povo sertanejo” (SERPA, 1999, p.31). Destaca-se aqui que nesse período o povo era desprovido de assistência médica, o que fazia com que os curandeiros fossem os únicos recursos que as pessoas do interior possuíam, “não haviam médicos na região. Inexistia também a assistência hospitalar. Os remédios eram escassos” (THOMÉ, 1992, p.33).

O Monge João Maria era considerado pelos sertanejos como curandeiro, místico e profeta, alguém com poderes divinos. Serpa (1999) relata que a religiosidade em torno do monge era considerada heresia pelos padres franciscanos, que combatiam essa crença popular. No entanto, “a tradição oral encarregou-se de preservar a memória dos profetas e seus ensinamentos, que ainda são cultuados na região”. (SERPA, 1999, p.32). Nesse contexto, o autor aborda tanto o conflito armado como os personagens emblemáticos que fizeram parte da Guerra do Contestado, destacando a figura do Monge João Maria.

Da segunda metade do século XIX até a segunda década do século XX, a região serrana de Santa Catarina esteve envolta com o aparecimento de homens que se diziam e eram vistos como detentores sobrenaturais. No entanto, João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria marcaram profundamente a história da região em tempos diferentes. Tinham características que facilmente os distinguiam uns dos outros, embora na visão de seus adeptos, os três seriam um só (SERPA, 1999, p. 31).

A literatura descreve três personagens distintos como sendo o “Monge João Maria” e o povo, por meio de lendas e folclore, uniu-os em um, que ficou conhecido como São João Maria, considerado, por sua peregrinação, como o “monge dos excluídos” (SERPA, 1999, p.31). Nos relatos das entrevistas realizadas com os devotos, em nenhum momento foi referido mais de um profeta, para eles existe apenas um, o “São João Maria”, o santo popular e milagroso, a quem se recorre diante das mais diversas dificuldades. Os monges, em comum, têm o fato de viverem em épocas de grandes mudanças sociais, quando o aconselhamento religioso, a cura por meio de ervas, água e milagres eram os únicos recursos acessíveis à população carente e pouco assistida. As pessoas humildes encontraram neles apoio para enfrentar a

penúria e a desesperança.

Ermelino de Leão (1929) destaca a passagem do monge pela região de Rio Negro, fortalecendo as evidências de sua presença por estas terras:

Contam os documentos do Rio Negro, que corria cerca de 1851 quando chegou a localidade o venerado Monge. Recusou hospedagem, pernoitando debaixo de uns nhapindazeiros a margem direita do rio. Aí permaneceu alguns dias, ocupando-se em práticas religiosas e em conselhos aos colonos (LEÃO, 1929, p.194).

Leão informa ainda que a cidade de Rio Negro havia sido flagelada por uma peste em meados do século XIX, trazida pela Revolução dos Farrapos, através do sexto batalhão e por caçadores. A peste era a varíola e tinha dizimado duas mil pessoas, fato onde o monge “recomendou que construíssem dezenove cruzes, levantassem-nas desde a porta da capela em linha reta até o rio, observando de igual distância umas das outras” (LEÃO, 1929, p.194). As cruzes foram erguidas no dia 30 de junho de 1851, e colaborou, segundo os devotos, para que a epidemia cessasse. Anos depois, o administrador da cidade de Rio Negro, o Tenente Francisco Xavier de Assis, ordenou a remoção das cruzes, porque atrapalhavam a passagem das tropas vindas do Rio Grande do Sul. Assim “os colonos de comum acordo, resolveram removê-las para as suas casas, onde permaneceram até que o tempo as destruísse” (LEÃO, 1929, p.194).

Uma delas, porém, foi conservada em frente a capela, onde os devotos faziam suas orações, até que “em 1916 a margem esquerda do rio passou para a jurisdição de Santa Catarina, ficando a cruz em um largo, ao centro da cidade de Mafra, na Praça hoje denominada Hercílio Luz” (LEÃO, 1929, p.194) (figura 03).

Nilson Thomé (1992) afirma que a figura lendária de João Maria ganhou força e devoção em meio ao povo sertanejo nas regiões do conflito do Contestado devido aos movimentos messiânicos que aconteceram no Brasil nos últimos duzentos anos, associados aos períodos históricos de crises políticas e econômicas vivenciadas no país (THOMÉ, 1992, p.68).

Élio Serpa (1999) relata que a presença de João Maria no sul do Brasil, em meados do século XIX, foi seguida de surtos de movimentos sociais em várias partes do Brasil como o movimento de Canudos (BA), o de Juazeiro (CE), entre outros que surgiram neste período, confrontando-se com as normas doutrinárias da Igreja Católica e mesclando-se com problemas de ordem social, econômica e política existentes nestas regiões.



Figura: 03

Capela do Monge João Maria. Praça Hercílio Luz, Mafra.
Fonte: Click Riomafra. Disponível em:
<https://www.clickriomafra.com.br>

A bibliografia sobre a história do Monge João Maria é vasta, mas a maioria dos autores destaca a figura misteriosa do monge associada aos conflitos sociais vivenciados na época, esse texto parte por outro viés: o da religiosidade e práticas de devoção ligadas a ele e que se mantém preservadas até nossos dias pelos devotos.

As cruzes ainda conservadas no Distrito de Lageado nos revelam a devoção da comunidade ao Monge. Os relatos dos devotos possibilitam uma aproximação maior a essa religiosidade popular e nos permite compreender essa devoção a um santo não oficial da Igreja Católica ainda muito cultuado na região.

RELIGIOSIDADE POPULAR E RELIGIÃO OFICIAL

No século XIX, o Brasil passava por várias mudanças políticas, econômicas e sociais. Thiago Rodrigues Tavares (2013) comenta que o catolicismo no Brasil esteve presente desde a chegada dos primeiros portugueses, fazendo parte da elite detentora do poder político e monetário, denominado catolicismo patriarcal, onde bispos e padres tinham estreita ligação com a coroa portuguesa, ou seja, a igreja católica era apoiada pela coroa que mantinha um controle sobre ela. O catolicismo popular chega ao Brasil por intermédio dos portugueses pobres e se estabelece principalmente na zona rural, misturando-se as credícies dos índios, africanos e todos os tipos de mestiços.

Segundo Élio Serpa (1999), com a Proclamação da República, os estados do Paraná e Santa Catarina entram em disputas territoriais pela região. Neste contexto e, “no que se refere a religiosidade, a Igreja Católica, na esteira do discurso civilizatório, também atua no sentido de reformular práticas religiosas e condutas” (SERPA, 1999, p. 20).

Nilson Thomé (1992) aponta com bastante clareza que, naquele período conturbado que o Brasil atravessava, em meados do século XIX e XX, surgiu uma figura mística, um andarilho, que levava para o povo ensinamentos bíblicos, profecias, rezas, curas etc. Esse andarilho místico foi denominado pelo povo de “São João Maria”, uma figura lendária e messiânica, que passava profetizando e dando esperança ao povo sertanejo. “Por messianismo, entende – se a crença religiosa da vinda de um redentor, que altera a ordem das coisas para haver mais justiça entre os homens” (THOMÉ, 1992, p.68).

Muitos movimentos messiânicos aconteceram no Brasil em meados do século XIX, na maioria associados a períodos históricos de crises econômicas e políticas, como por exemplo o Padre Cícero no Ceará, José Guedes em Pernambuco, João Brandão em Minas Gerais, Antônio Conselheiro na Bahia e os monges João Maria no sul do Brasil. O Monge João Maria foi um profeta, andarilho, que passou por várias regiões, pregando ensinamentos, orações e profecias (THOMÉ, 1992, p.68).

O autor Élio Serpa (1999, p. 31) esclarece que essa devoção aos monges era considerada heresia pela Igreja católica, principalmente pelos padres franciscanos alemães vindos da Saxônia e que, segundo eles, precisava ser combatida. Porém, observou-se nos depoimentos colhidos que, para o povo devoto, não fez nenhuma importância o seu não re-

conhecimento perante a igreja. O Monge João Maria era tido como santo, e ainda o é, independente do reconhecimento clerical, pois a maioria nem se dá conta dessa informação. O que se percebe nos seus seguidores é fé, devoção e, inclusive, uso de rituais e orações católicas, mesclando, portanto, o sagrado e o profano.

Durante o estudo percebeu-se que, para o povo devoto, o “Monge” - aquele de vida austera, monástico de grutas, que vivia solitariamente - foi um “profeta” - adivinho que fazia predições de futuro nos seus tempos - que veio anunciar o reino de Deus, trazendo esperança e muitos ensinamentos a eles.

Para os colonos, a devoção ao Monge é considerada como sagrada, porém, para a Igreja essa devoção é considerada profana. Para Mircea Eliade (1992), sagrado é o que essencialmente se diferencia do profano, o ser humano toma conhecimento do sagrado porque ele se mostra como uma realidade totalmente diferente da mundana (ELIADE, 1992, p.13). Então, tomando o conceito de sagrado de Mircea Eliade (1992), constata-se por meio das manifestações religiosas diante das cruzes e dos depoimentos dos devotos, que o Monge João Maria se tornou sagrado para o povo, justamente por se tratar de uma figura mística e diferente da mundana, questão bem diferente da apontada pela Igreja Católica, a qual combate esse tipo de devoção.

Deste modo, para o povo sertanejo do final do século XIX e início do XX, o monge se apresentou como algo diferente daquilo que ele estava acostumado, alguém que trouxe esperança e fé para um povo desprovido de qualquer assistência médica, financeira e, inclusive, carente de assistência espiritual, como mencionou, Nilson Thomé (1992), citado anteriormente.

O Monge João Maria era visto como um modelo de humildade e devoção a Deus, sua memória, ou a memória de seu exemplo, tem sido revivida nas tradições orais e nas práticas religiosas diante das cruzes, capelinhas, fotos e demais objetos que são manifestações materiais do sagrado.

Os antepassados dos depoentes já traziam uma bagagem religiosa herdada do catolicismo, religião predominante no Brasil desde a colonização, vinha com os portugueses, e a misturaram com suas devoções populares. De acordo com Thiago Rodrigues Tavares, “[...] o elemento central no catolicismo popular tradicional e, por sua vez, da vivência popular do catolicismo, é o ‘santo’ (TAVARES,

2013, p. 37). O autor ressalta ainda, que a noção popular de “santo” vai além da proferida pela igreja. Numa linguagem mais simplificada, pode-se afirmar que o “Monge João Maria”, na visão popular, foi uma figura humana com designios divinos, com a missão de profetizar, trazendo esperança ao pobre e oprimido.

Mesmo diante do progresso, a maioria da população manteve elementos da tradição antiga, reinterpretando o catolicismo romano num sincratismo religioso, alimentando a devoção tanto aos santos que foram canonizados como aos que não foram.

As expressões populares de devoção e religiosidade ao Monge João Maria relatadas nos depoimentos, revelam um catolicismo rústico, herdado da devoção aos santos, que vai além da noção pregada pela Igreja. Unem-se orações a rituais e símbolos populares, não reconhecidos oficialmente pela Igreja. A devoção é manifestada em cultos mais domésticos e privados, ou ainda, diante da cruz do Monge, acompanhada ou não de uma imagem ou fotografia do santo. Muitas histórias de milagres foram relatadas, representando fé e religiosidade em torno da figura desse personagem emblemático e cercado de mistérios, que sobrevive ao tempo passado, através das memórias do povo Rio-negrense e da região.

RESGATANDO MEMÓRIAS: ENTRE RELATOS E REPRESENTAÇÕES

Resgatar as memórias religiosas atinentes ao místico Monge João Maria no Distrito de Lageado, é trazer para a história pessoas comuns de uma sociedade quase sempre moldada pela elite detentora de poder e do registro da história. Muitos são os avanços conquistados nesse quesito, nos últimos séculos, assim como no campo historiográfico, como nos apresenta Marieta de Moraes Ferreira (2002), pois a partir de 1980, grandes transformações ocorreram no campo da pesquisa histórica, possibilitando assim uma nova abordagem, resgatando a importância das experiências individuais, das situações vividas, das normas coletivas para as singulares.

Com esse tipo de contribuição, a história cultural ganha novo impulso, incorporando o estudo do contemporâneo e do individual, do que está registrado e do que ficou na lembrança.

O interesse dos historiadores pela memória, foi em grande medida inspirado pela historiografia francesa, sobretudo a história das mentalidades. Nesses estudos focalizando principalmente a cultura popular, a vida familiar, os hábitos locais, a religiosidade, etc. (FERREIRA, 2002, p. 320).

A partir dessa ideia abre-se um leque de possibilidades e oportunidades de escrita e reescrita da história. Novos personagens são incorporados, novas vozes e novas fontes. É nessa perspectiva que nosso trabalho segue, incorporando na história o homem comum e suas memórias religiosas em torno do Monge, heranças familiares que são representadas em suas vivencias cotidianas, no qual os relatos nos possibilitaram conhecer.

Tomando o conceito de representação de Roger Chartier (1988), acreditamos que as cruzes de madeira ainda preservadas pelos devotos são objetos que representam o personagem venerado, que neste caso é uma imagem ausente, mas que relembram e rememoram o santo. A representação refere-se assim, a imagem presente da coisa ausente (CHARTIER, 1988, p. 21). As cruzes são, portanto, signos que dão significado a devoção ao monge, havendo uma estreita relação entre ambos e a memória dos devotos. A cruz presente no Distrito de Lageado (figura 01) é um lugar de rememoração, tanto para os moradores da localidade como de cidades vizinhas. Nesse sentido, relata a Sr.^a Ana Miller:

Tenho uma irmã minha que é muito devota, diz que até já alcançou graça dele. Que tem a cruz ali, ela sempre chega lá, ascende vela pra ele, agradecendo a cura que ela recebeu. Cada vez que vem pra cá, ela viaja trinta e poucos quilômetros, ela chega ali na cruz de João Maria, que ela alcanço uma graça dele, decerto é santo, porque já tem uma imagem ali³.

A fé geralmente é composta por vários símbolos, como no catolicismo, por exemplo, onde a devoção aos santos é representada através das imagens, festas, procissões, ceremonias etc., que os rememoram e perpetuam. Um dos maiores símbolos diz respeito à cruz, que representa Cristo e o monge. O Monge João Maria foi um profeta que pregava os ensinamentos de Cristo e erguia cruzes por onde passava, as quais se tornaram símbolos de devoção ao “santo”.

Os devotos entrevistados demonstram essa apropriação de símbolos, presentes nas orações,

quadrinhos com a foto do monge, nas cruzes, nas simpatias e nas profecias que guardam na memória. A depoente Sr.^a Matilde Alves Machado, conta que tem o quadrinho do Monge João Maria, o qual guarda com muito carinho e devoção (figura 03).

Tenho o quadrinho dele, a foto dele lá no meu quarto, uma cópia, e sempre faço pedido, já recebi graça, sempre tive devoção, porque ele andou por aqui, paro no lugar que tem ali aquela cruz.

Eles faziam, toda vida eles faziam, nas plantações, até mesmo na casa, quando vinha temporal né, a minha mãe já pegava o quadrinho dele, tinha um quadrinho já bem antigo, ponhava na mesa e já queimava vela pra ele e pedia pra não dá nada de ventania, pra não derruba a casa, e abençoa as lavoura. Essa devoção vem de anos já. Toda noite eu rejo pra ele⁴.

As lembranças herdadas dos antepassados em relação à devoção ao Monge João Maria são carregadas de emoções e sentimentos, eles cultivam as tradições herdadas pautadas em suas vivencias do dia a dia, como orações de benção, de proteção das lavouras, na obtenção de milagres, curas de doenças, entre outras práticas. Outra depoente, a Sr.^a Edite Valério, também demonstra essa apropriação com orações e simpatias que fazem parte do seu dia a dia:

É, levavam, pediam muito, assim, oração pra ele, pra criação, sabe, daí levavam assim que nem um cachorro de cera, levavam lá na cruz vaca, e vela. E eu faço simpatia, pra medo de chuva, cá devoção dele, daí eu mando ir lá rezar e queima vela pro São João Maria. Muita gente que veio aqui eu ensinei, disque foi muito bom. Eu rejo, assim, Pai Nossa, Ave Maria, Creio em Deus, na intenção pra ele. Queima vela e rezar. Venham muito aqui pedi que tem medo de chuva, daí eu digo pra eles, pra leva três velas lá e pedi pra ele que ele ajude, que tire aquele medo da chuva⁵.

A prescrição que a devota relata, foi passada pelo avô do seu marido, o Sr.^o José Guilherme Valério, já falecido. Segundo a Sr.^a. Edite, o avô teve contato direto com o monge, que passou várias vezes pela região em meados de 1880. Ela mesma faz e ensina as simpatias para outras pessoas e é muito procurada pelos moradores da região que a denominam de benzedeira.

Próximo à casa da depoente existe uma cruz do Monge como citado no início deste artigo, (ver figura 02), no qual essas réplicas de cera e velas a que a depoente se refere são levadas na obtenção de gra-

3 Depoente: Ana Muller, 66 anos, moradora do Distrito de Lageado, Rio Negro, Paraná. 07/12/2017 – 14:00h. Fala mantida na sua forma original.

4 Depoente Matilde Alves Machado, 48 anos, moradora da Vila Rural, Rio Negro, Paraná. 07/12/2017 – 16:00h. Fala mantida a original do depoente.

5 Depoente Sr.^a Edite Valério, 70 anos, moradora da localidade do Lençol, Rio Negro, Paraná. 14/12/2017 – 14:00h. Fala mantida a original do depoente.

ças. Dona Edite ainda nos contou uma experiência que teve na cidade da Lapa no Paraná, na gruta do Monge João Maria:

Tenho uma história pra conta, quando fui, não agora, muitos anos, lá na Lapa. Tinha uma muié sentada e tinha levado um feche de couve, ela tava arrumando em cima de uma pedra, eu fiquei olhando, imaginando, até que perguntei pra ela, mas por que a senhora traz couve e põem aqui. Ela disse que São João Maria morreu lá, daí ela leva couve que nem fosse uma flor. A mãe toda vida dizia, nunca deixa falta couve, por que a couve é abençoada de São João Maria⁶.

Percebe se também como objetos e lugares se tornam apoios de memória. Neste caso a gruta do Monge da Lapa é um lugar de memória e rememoração do “santo”, a couve se tornou um símbolo para expressar a fé, assim como também as cruzes. Como apontou Pollack, estes lugares e símbolos tornam-se “formadores da memória” (POLLACK, 1992, p.3).

A depoente Sr.^a Ilma Vieira do Prado Bento, toma como apoio para sua memória a imagem do monge impressa em uma foto que possui, herança familiar, inclusive nos conta um milagre ocorrido em um poço, no qual fez uma capelinha com a foto do monge próxima ao poço oferecendo ao santo (figura 04):

Outro milagre é do poço, a água fico com gosto de fossa, era insuportável o cheiro, não dava nem pra tomar banho, fico uma água tão feia, tão feia, daí foi dado pra ele, pro monge, ficou o poço de São João Maria, oferecemos pra ele e pra Nossa Senhora de Lurdes, todo dia que eu vou busca água lá eu agradeço a ele, uma água limpinha, tão boa. Tinha tanta formiga era aquelas bola, e depois que ele ta morando lá nunca mais deu formiga⁷.

O depoente, Sr.^o Ari Valério, morador da localidade do Lençol, narra como a história do Monge João Maria ficou conhecida em sua família, onde surgiu a crença e devoção, atrelada a memória herdada:

Quem começou essa morada aqui foi meu avô, José Guilherme Valério, ele que contava, daí meu pai que contava, meu avô era pai dele, ele falava que o João Maria chegava para pedir couve pra come, nesse trajeto aí, não sei como que vinha, como que aparecia, daí aí pra lá, como que eu posso dizer, tem um lugar que ele posava, dai ele pediu para fazer uma cruz e uma cerquinha.

Porque esse home não tinha morada, ninguém sabia

onde é que o cara morava, ele posava em baixo de árvores. Que nem aí tem uma árvore que ele posava. Hoje tá difícil a gente explicar as coisas, por que ta muito moderno, antes tempo me lembro, pai mandava, tira folha daquela árvore e faze chá, não é que o pai era curado, mais, é dele⁸.

O Sr.^o Ari Valério se refere à cruz e à árvore diante dela que é usada como remédio, (figura 2), fica próxima à sua casa, no terreno do seu irmão o Sr.^o Sebastião Darci Valério, que também cuida da cruz e preserva as tradições. Essa devoção foi passada pelo avô e depois pelo pai. São, portanto, memórias herdadas, guardadas e passadas adiante para seus netos. Porém, como menciona no depoimento, o Sr.^o Ari Valério refere que hoje em dia está mais difícil de passar adiante esta devoção. Devido à modernidade, muitos jovens de hoje não acolhem as histórias dos antepassados com tanta devoção como na geração anterior.

A memória, segundo Pollack, “é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992, p. 02), neste caso o monge e seus devotos. O primeiro, um personagem místico que não pertenceu ao espaço/tempo dos entrevistados, mas de seus familiares e seus antepassados, fazendo parte, portanto da herança familiar, da transmissão da história através da tradição oral. E o segundo, a memória, “construída social e individualmente é uma memória herdada, que se relaciona de forma muito estreita ao sentimento de identidade” (POLLACK, 1992, p.5).

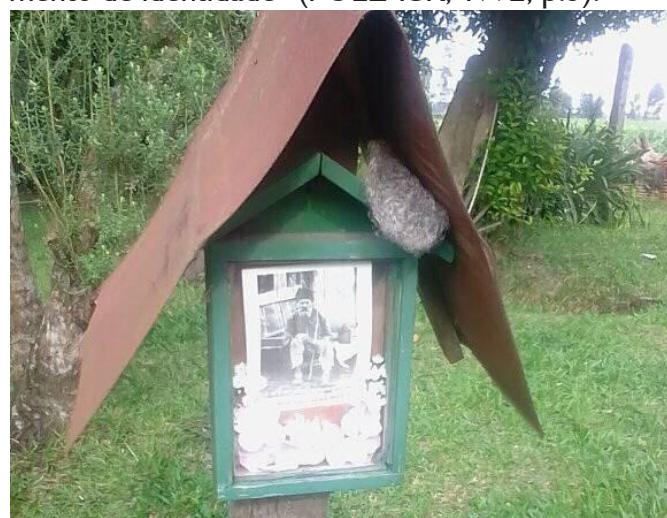


Figura: 04 - Capelinha do Monge João Maria, residência da Sr.^a Ilma, próxima ao poço. Fonte: Acervo pessoal. Rodrigo do Rosário - 09/12/2017

6 Depoente Edite Valério, 70 anos, moradora da localidade do Lençol, Rio Negro, Paraná. 14/12/2017 – 14:00h. Fala mantida a original do depoente.

7 Depoente: Ilma Vieira do Prado Bento, 50 anos, moradora da localidade do Distrito de Lageado, Rio Negro, Paraná. 09/12/2017 – 16:00h. Fala mantida a original do depoente.

8 Depoente Sr.^o Ari Valério, 70 anos, morador da localidade do Lençol, Rio Negro, Paraná. 14/12/2017 – 14:00h. Fala mantida a original do depoente.

Nos relatos percebe-se a estreita relação do sentimento de identidade e pertencimento familiar, de uma herança religiosa herdada e preservada com muito cuidado. A depoente Sr.^a Ilma Vieira do Prado Bento, demonstra muito afeto a suas lembranças, principalmente referindo-se aos seus pais, ligando a devoção ao monge a um sentimento de pertencimento familiar:

A falecida mãe dizia pra “nois”, que era pra pedi pra ele, pro quadrinho do Monge, se ficasse suado o quadrinho, se achava um namorado, se ficasse suado no outro dia, era um marido bêbado.

Sei também de um milagre que minha mãe contava, que era acho que bisavó dela, ou tataravó, sei lá, eles tavam vindo da roça, estava se aprontando uma tempestade, daí tinha que passar pelo mato, ela grávida, um pequeno no braço e mais três com ela, e aquilo vindo, quebrava galhos naquele caminho que eles tinham que passar, daí naquele caminho tinha uma cruz dele, onde ele tinha ficado, daí ela pediu pra ele, pelo amor de Deus que deixasse chegar em casa.

A mãe também sabia uma simpatia pra hemorragia de mulher que ela fazia, mas isso ela não deixa pra nois, era dele, ele que ensinou muito os bisavós dela⁹.

Como lembra Pollack “a memória, bem como, o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas” (POLLACK, 1992, p.5). Ou seja, as lembranças acerca da devoção ao monge revelam um sentimento de pertencimento familiar, com uma ligação muito estreita entre esse sentimento e a identidade.

Muitos causos e contos foram relatados, inclusive previsões futuras sobre a humanidade e sobre o próprio Distrito de Lageado, que para os devotos está se realizando na atualidade:

Que a gente se lembra, que o falecido vô contava e o pai ca mãe, é que quando ele mora aqui no Lageado, uns dias né, ali ele disse que o dia, ia chega o dia que o Lageado ia, se rolasse uma laranja, por que antigamente era só um carreirinho, nem estrada não tinha, nem estrada de chão, tinha só um carreirinho, então o dia que chegasse que rolasse uma laranja lá de cima e ela ia rolando ali pra baixo, tava perto o fim dos tempos, e agora já tá, tem asfalto, de certo era isso que ele quis dizer né. E dizia também que quando as muié usassem assim, calçado que fizesse barulho que nem um sincero pois também já tem né, também já era pro povo í se preparando que ia acontecer muitas coisas, coisas boas e coisas ruins, que tinha que ficar preparado, tivesse fé em Deus e nele, que ele era uma profecia, um profeta, nois sempre fiquemo com essa devoção.¹⁰

As memórias recolhidas nos depoimentos são individuais, mas revelam um fenômeno coletivo e social em relação às práticas de devoção, pois foram construídas coletivamente, embora possam sofrer flutuações, transformações e mudanças através do tempo. Muitos dos acontecimentos relatados pelos devotos em relação ao monge foram vivenciados pelos antepassados e relembrados por seus descendentes, mantendo-se na memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo nos oportunizou uma aproximação da realidade social ligada às práticas religiosas do dia a dia de devotos do Monge João Maria e suas memórias em torno delas. Analisando suas múltiplas formas de representações e manifestações de fé. O diálogo com conceitos, como memória, história oral e representações, nos colocou frente a uma história pautada nas experiências de vida, tomando o indivíduo como valor, os relatos de memórias abriram espaço para o sujeito simples, fortalecendo assim seus sentimentos de pertencimento.

Os relatos dos depoentes nos aproximaram de realidades pouco abordadas pela história oficial, trazendo a luz novos sujeitos e permitindo que tivessem voz. Percebeu-se ao longo do trabalho, que o catolicismo oficial se mesclou com as práticas religiosas herdadas das múltiplas facetas que compõe o Brasil desde a colonização, permitindo compreender como acontece a devoção aos santos não oficiais na atualidade. Também foi possível perceber que para o povo simples, fé está acima de uma ordem oficial, como a da Igreja Católica, que está atrelada ao que se torna sagrado, se diferenciando do comum, algo que se revela como divino.

A devoção ao monge está atrelada a um sentimento de pertencimento familiar, logo de identidade, onde as memórias estão relacionadas a lembranças de seus transmissores: pais, mães, avós, bisavós ou pessoas ligadas à família. Os devotos trazem consigo a crença e a devoção ao monge que compõem uma herança familiar preservada com sentimentos de afeto e fé, e que se mantêm vivos nas memórias e nas práticas cotidianas.

A oportunizar a pessoas comuns tecerem

9 Depoente: Ilma Vieira do Prado Bento, 50 anos, moradora do Distrito de Lageado. Rio Negro, Paraná. 09/12/2017 – 16:00h. Fala original do depoente.

10 Depoente: Matilde Alves machado, 48 anos, moradora da Vila Rural, Rio Negro, PR. 07/12/2017 – 16:00h. Fala mantida a original do depoente.

seus relatos, também oportunizamos que se sentissem pertencentes à história, e isso foi perceptível em suas falas e no sentimento de gratidão ao rememorarem uma figura tão cara às suas crenças. Creio, assim, que atingimos nosso objetivo nesse trabalho.

No entanto, ao longo do trabalho outras questões foram surgindo: como os jovens de hoje veem a devoção ao monge? Qual o sentido dessa devoção para eles? Será passada adiante, ou ficará no esquecimento?

Essas são demandas a serem respondidas em trabalhos futuros.

FONTES:

Entrevista concedida por Ana Muller, 66 anos, [dez, 2017]. Entrevistadora: Célia Maguirevski. Rio Negro, 2017. 1 arquivo mp3 (00:09:14 min).

Entrevista concedida por Matilde Alves Machado, 48anos, [dez. 2017]. Entrevistadora: Célia Maguirevski. Rio Negro, 2017. 1 arquivo mp3 (00:15:40 min).

Entrevista concedida por Ilma Vieira do Prado Bento, 50 anos, [dez. 2017] Entrevistadora: Célia Maguirevski. Rio Negro, 2017. 1 arquivo mp3 (00:19:58 min).

Entrevista concedida por: Ari Valério, 70 anos, Edite Valério, 70 anos, [dez. 2017]. Entrevistadora: Célia Maguirevski, Rio Negro, 2017. 1 arquivo mp3 (00:20:00 min).

REFERÊNCIAS:

ARAGÃO, Gilbraz S. **A Religiosidade Popular e a Fé Cristã**. Universidade Católica de Pernambuco. Jan/2002. Ano 1, n° 1. p. 27.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos).

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi. Rio de Janeiro, 2002, pp. 314- 332.

LEÃO, Ermelino. **Centenário da Colonização Alemã – Rio Negro – Mafra**. Ed. Olivero. Curitiba, 1929. 197p.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Traduzida por Monique Augras. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p.200 – 212.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações. 1988**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Memória e sociedade, 2^a ed. Memória e Sociedade. DIFEL. Portugal, jan. /2002.

SERPA, Élio. **A Guerra do Contestado (1912 – 1916)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. 75p.: il.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **A Religião Vivida: expressões populares de religiosidade**. Sacrilegens. Juiz de Fora, v.10, n. 2, p. 35 – 47, jul/dez, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4.pdf>

THOMÉ, Nilson. **São João Maria na História do Contestado: resgate da memória**. Caçador: UNC/Universal. 1997, 72p.

_____. **Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado**. Caçador: INCON Edições/UNC, 1992. 112p.

ZILLES, Urbano. **Religiões: crenças e credices**. EDIPUCRS - Porto Alegre, 1997, p. 255.